

LITERATURA E ENSINO: VIRGINIA WOOLF NA ESCOLA PÚBLICA

ENTREVISTA COM MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA

Por: **Sanio Santos da Silva**^{*1}



O ensino de língua inglesa tem sido um grande desafio na educação básica, sobretudo em escolas públicas. Nesses espaços, educadores precisam lidar com recursos escassos, carga horária reduzida, além da baixa motivação dos estudantes. Entretanto, convém sublinhar a atuação de professores e pesquisadores, que se esforçam na tentativa de diminuir essas deficiências. Assim, considerando a importância de visibilizar tais ações, convidamos a Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira para responder questões acerca do ensino de inglês no âmbito da escola pública e, também, apresentar seu projeto de extensão na escola Djalma Teles Galdino, localizada na cidade de Rio Branco, Acre. Seu trabalho chama atenção pela proposta de ensinar inglês por

meio da obra de Virginia Woolf, ainda pouco explorada em escolas regulares, mas com quem ela tem bastante familiaridade. Como pesquisadora e educadora, a Profa. Maria Aparecida acredita no potencial transformador do texto woolfiano e, na entrevista, explica suas estratégias e compartilha vivências importantes para profissionais da educação.

Maria Aparecida Oliveira é professora adjunta de língua e literatura inglesa na Universidade Federal da Paraíba. Trabalhou de 2013 a 2020 na Universidade Federal do Acre. Graduada em Letras – Língua Inglesa em 2001, realizou seu mestrado (2006) e doutorado (2009) pela Unesp, de Araraquara. Nos anos de 2016-2017 realizou seu pós-doutorado na Universidade de Toronto. É membro da Virginia Woolf Society e desde 2011 participa da Virginia Woolf Conference, que ocorreu em Glasgow, Vancouver, Chicago,

¹ **Sanio Santos da Silva** possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - PPGLitCult da Universidade Federal da Bahia - UFBA (2019) e graduação em Psicologia pela Universidade Salvador - UNIFACS (2012). Atualmente, é doutorando no PPGLitCult e graduando em Língua Estrangeira pela UFBA. E-mail: sanio.santos@gmail.com

Pensilvania, Leeds, Reading e Cincinatti. Sua tese “A representação feminina na obra de Virginia Woolf” foi publicada pela Paco Editorial em 2017, em inglês pela Lambert Academic Publishing no mesmo ano e será publicada em espanhol pela Cuarto Próprio ainda esse ano em Santiago, Chile. Ela tem escrito artigos sobre Woolf e Whitman, Woolf e Elizabeth Bishop, Woolf e Clarice Lispector, Woolf e Victoria Ocampo, Woolf e Frida Kahlo. Destes dois foram publicados nos Selected Papers of Virginia Woolf Conference, em 2012 e 2015. Juntamente com Davi Pinho e Nicea Nogueira organizou a coletânea *Conversas com Virginia Woolf*, publicada pela editora Ape Ku em junho de 2020.

1. O que motivou o desenvolvimento do seu projeto na escola Djalma Teles Galdino com textos literários de Virginia Woolf?

Assim que voltei do meu pós-doutorado na Universidade de Toronto, eu tive um impulso de tirar Virginia Woolf da “Torre de Marfim” e, também, eu mesma sair dela e tornar minha experiência mais significativa no chão da escola. Era um desejo de romper com os muros da academia e levar Virginia Woolf para as periferias, para que o aluno da escola pública pudesse ter um contato com a sua obra. Além disso, eu queria integrar mais minhas atividades de pesquisa ao ensino e à extensão para que não ficasse como algo isolado, distante da realidade. Por muito tempo, a obra de Virginia Woolf tem sido reconhecida por uma pequena elite literária, poucos tinham acesso à sua obra, por ela ser escrita em inglês e, como sabemos, o ensino não era nenhum um pouco democrático. Revendo um pouco a história da recepção da obra de Woolf no Brasil, podemos chegar a algumas conclusões. Com as primeiras traduções no Brasil na década de 1940, o público leitor de Virginia Woolf ainda era muito reduzido. Na década de 1960, seu nome foi ficando cada vez mais reconhecido no país, surgiram outras traduções e na década de 1980, a editora Nova Fronteira pediu à escritora Lya Luft e outros tradutores a tarefa de traduzir as obras que ainda não haviam sido traduzidas ao português.

Na década de 1990, Woolf já estava presente nos currículos dos cursos de Letras Inglês desde a década de 1960, muitas foram as dissertações e teses defendidas sobre ela. Em 1999 é lançado o livro *As horas*, baseado na obra *Mrs. Dalloway*, o qual tem um imenso efeito nos leitores da escritora inglesa. *Mrs. Dalloway*, assim como *As Horas*, torna-se um *best seller* e Virginia Woolf ganha uma enorme popularidade no país entre os leitores mais jovens. Em 2012, os direitos autorais são expirados e Virginia Woolf entra para o domínio público. Nesse momento surgem várias traduções para o português, dentre elas, a de Denise Bottmann, que mantinha um blog durante seu processo de tradução e por isso estabelece um contato direto com os leitores e admiradores da escritora. Sua tradução pela LP&M é premiada como melhor tradução. Há ainda a tradução de Claudio Alves Marcondes e de Tomaz Tadeu. Depois disso, houve também

outras traduções de *Orlando* e *To The Lighthouse* e, também, dos ensaios de Woolf que ainda não haviam sido traduzidos para o português, tais como: *Women and Fiction* e *Three Guineas*, o qual foi traduzido por Tomaz Tadeu este ano. Isso tudo para dizer que há um grande público leitor de Virginia Woolf, mas principalmente na classe média, entre o público universitário. Minha grande questão é: o público da escola pública tem acesso a esses textos? Como podemos mediar esse acesso? Como tornar o texto woolfiano mais acessível e mais democrático, para que ele seja um instrumento de transformação na vida desses alunos. Assim surgiu a ideia do projeto na escola Djalma Teles Galdino, desse anseio de tornar Virginia Woolf mais democrática, mais inclusiva e mais acessível ao aluno da escola pública.

O projeto de extensão contou com a grande colaboração do meu bolsista Pibic, Alberto Siqueira da Rocha Junior, que me acompanhou nas atividades na escola e aos poucos fomos costurando essa narrativa da “Cortina da Tia Bá”, [Nurse Lugton’s Curtain], um conto escrito em 1922 para a sobrinha de Virginia Woolf. No Brasil ele é traduzido pela escritora Ruth Rocha e as ilustrações são realizadas por Julie Vivas. O projeto teve início em setembro de 2018 e terminou em dezembro daquele ano, a escola foi muito acolhedora na recepção do projeto e contamos ainda com a colaboração da professora de Inglês, Edineide Lacerda.



2. Virginia Woolf explora temáticas feministas, sociais e políticas. No contexto contemporâneo, qual é a importância de discutir esses temas com alunos da rede pública de ensino?

Acho que essas questões são importantíssimas e devem ser discutidas com os alunos desde o ensino fundamental. Na nossa primeira aula, apresentamos Virginia Woolf e discutimos *A room of one's own* e a necessidade de um espaço e um salário para escrever, mas também para estudar, para pensar, refletir sobre todas essas questões. Lembrando que *A room of one's own* é hoje considerado um texto fundador da crítica feminista da primeira onda do feminismo, que surgiu de uma palestra de Virginia Woolf em uma faculdade para mulheres em Newham em 1928. O principal argumento do livro era que a mulher que desejasse escrever ficção deveria ter um teto e um salário digno. Além disso, o livro discute a desigualdade econômica entre homens e mulheres, que condicionou o lugar desfavorecido da mulher na história, assim como a sua exclusão, seja dos livros de história ou dos espaços públicos. No terceiro capítulo do livro, Woolf cria uma personagem fictícia, Judith Shakespeare, uma provável irmã de Shakespeare, que tivesse o mesmo talento que o irmão, mas não as mesmas oportunidades. Tal figura tornou-se um símbolo da escrita feminina, do silenciamento da mulher na literatura e sua exclusão da história. No capítulo seguinte, Woolf faz uma revisão da tradição literária feminina, investigando a importância das escritoras ao longo dos séculos. No último capítulo, a escritora elabora seu famoso projeto de androginia, baseado nas ideias do poeta Samuel Coleridge.

Em uma sala da Educação de Jovens e Adultos (EJA), discutimos *Three Guineas* e a importância de se discutir e fazer política no dia-a-dia, exercendo a cidadania. Foi muito delicado discutir sobre o que era o fascismo, os alunos tinham dificuldade para entender e de alguma forma, alguns queriam evitar o tema, por conta das questões políticas que estamos enfrentando ultimamente. É preciso ressaltar que o ensaio *Three Guineas* foi publicado em 1938, nele a escritora pretende responder à pergunta que lhe foi lançada de como as mulheres poderiam evitar a guerra. Ela então decide lançar três moedas simbólicas a três diferentes causas: a primeira para a educação de mulheres; a segunda para a construção de profissões para mulheres e a terceira para as associações que combatem o fascismo. O ensaio foi escrito durante a ascensão do fascismo na Inglaterra e no ano da guerra civil na Espanha, sendo emblemático para a promoção do pacifismo no país. Enfim, penso que discutir essas questões é crucial no momento atual e por meio do texto de Virginia Woolf conseguir colocar tais assuntos na sala de aula.

3. Observando a educação brasileira contemporânea, principalmente as suas dificuldades, como a obra de Virginia Woolf pode contribuir para prática dos professores e o desenvolvimento dos alunos?

Penso que estudar língua inglesa por meio dos contos da escritora Virginia Woolf pode ser uma estratégia muito eficaz para uma aula significativa. O texto de Woolf pode ser muito poético, muito bonito, esteticamente muito elaborado e com várias estratégias narrativas interessantes para o desenvolvimento da aprendizagem. Por outro lado, o texto político de Virginia Woolf é realmente explosivo e pode tocar os alunos de forma profunda, isso pode ser muito transformador. Sempre que vou apresentar o texto woolfiano, tenho necessidade de mostrar que os textos poéticos da escritora estão ligados aos seus textos políticos e que não podemos compreendê-los de forma separada, mas que estão intimamente entrelaçados. Tanto que ao escrever *Orlando*, publicado em 1928, Virginia Woolf também estava discutindo sobre o tema mulher e ficção, sua famosa palestra na faculdade de Newham, que deu origem ao ensaio *A room of one's own*, em que ela também discute a questão da androginia, um ponto central em *Orlando*, uma personagem que atravessa os séculos e se transforma em mulher durante sua experiência como embaixador na Turquia.

Tenho visto que muitos alunos meus são atingidos pela linguagem de Virginia Woolf e nunca mais são os mesmos depois desse contato. Alunos da graduação que aprenderam Virginia Woolf também ensinam seus contos para os seus alunos. Penso que o trabalho com a literatura é crucial para o desenvolvimento dos alunos, principalmente se pensarmos nos contos mais curtos e como eles podem ser trabalhados na sala de aula, com uma curta apresentação sobre a escritora, sua obra, seus livros mais conhecidos no país, como *Mrs. Dalloway*, *To the Lighthouse* e *Orlando* e seus famosos ensaios sobre o feminismo. A partir dessa introdução, o professor pode trabalhar um de seus contos, explorando os principais pontos da narrativa: a técnica do fluxo de consciência, os múltiplos pontos de vista, a linguagem fragmentada, a sintaxe própria do texto woolfiano. O professor pode ainda aprofundar-se nas questões psicológicas, uma das marcas da escritora inglesa e sua relação com o texto modernista. Enfim, essas são algumas ideias para se trabalhar o texto de Virginia Woolf na sala de aula.

4. Sobretudo em escolas públicas, ainda é raro o uso de literatura no ensino de língua inglesa. Na sua opinião, por que esse recurso ainda é evitado?

Todos nós sabemos da dura e triste realidade da escola pública, as salas lotadas, a carga horária reduzida para as aulas de inglês, a dificuldade com o material didático. É

muito mais fácil seguir o livro que a escola disponibiliza e, geralmente, o livro não aborda a literatura, principalmente no ensino fundamental, entrar em contato com um poema é muito raro. O problema começa com as editoras e termina com as escolhas de um professor que está sobrecarregado, estressado e mal pago. Todas essas condições não são favoráveis ao trabalho com literatura, que demanda tempo, leitura, preparo e inspiração. Quando eu pensei nesse projeto de extensão, o objetivo era também mostrar uma alternativa ao professor, elevar a qualidade do ensino público e incentivar a leitura entre os alunos. O uso da literatura é evitado no ensino de língua inglesa por essas várias razões, mas acredito que se houver uma parceria entre a universidade e a escola pública por meio de projetos de extensão como esse, tal deficiência pode ser sanada. Sabemos da condição da escola pública no momento atual, um momento de crise profunda e de destruição da educação como um projeto de desenvolvimento.

Diante desse cenário, nosso papel é pensar em alternativas para elevar a qualidade do ensino, estimular o professor a pensar nessas parcerias criativas, em que os mais beneficiados serão os alunos. O papel da universidade durante essa crise é fundamental para mostrar à sociedade seu trabalho e seu valor. Claro, que não podemos esquecer a nossa luta por uma educação de qualidade e é responsabilidade do governo pensar em políticas públicas para a melhoria das condições precárias que a escola pública enfrenta atualmente.



5. De acordo com sua experiência, como a literatura pode contribuir para o ensino de língua inglesa em escolas regulares?

De acordo com a minha experiência, a literatura pode contribuir para o ensino de língua inglesa na escola pública de várias maneiras: estimulando o aluno a refletir criticamente; desenvolvendo a criatividade, a imaginação e o senso estético; promovendo o protagonismo e a autonomia para que o aluno possa buscar informações, pesquisar, indagar e levantar argumentos. Além disso, a literatura pode contribuir para elevar o autoconhecimento e autoestima do aluno, bem como ajudar o aluno a desenvolver uma consciência de si e do outro e do mundo em que está inserido. A literatura aliada ao ensino de língua inglesa na escola pública contribui para que o aluno possa desenvolver as práticas de leitura e a consequente produção de texto.

6. Sua atuação na escola Djalma Teles Galdino tem caráter extensionista. No momento atual, qual a importância de projetos que favoreçam o contato entre academia e comunidade?

A nossa atuação na universidade envolve o ensino, a pesquisa e a extensão. Eu gosto muito de trabalhar com projetos de extensão, projetos que possam criar essa ponte entre a academia e a comunidade. Penso que muitas críticas em relação à universidade provêm de pessoas que não conhecem essa realidade. E, de fato, existe um abismo, entre a universidade e a periferia. Esses alunos dos bairros mais afastados não conhecem a realidade da universidade, eles não têm acesso a ela. Eles não sabem que podem adentrar nesse universo, então um projeto que diminua essas distâncias é sempre bem-vindo. Precisamos mostrar à sociedade o que a universidade faz com o dinheiro que é investido nela. É muito importante, mostrar nosso trabalho, essa visibilidade é fundamental, se não essas imagens propagadas pelo nosso caríssimo ministro da educação acabam sendo reais para a maioria das pessoas. Esses projetos são essenciais para encurtar essa distância, trazer a comunidade para dentro da universidade. Por exemplo, no momento atual é fundamental para a sociedade saber o que a universidade está fazendo para combater a pandemia. Muitas universidades estão produzindo máscaras e álcool gel, distribuindo testes, estão trabalhando produção de ventiladores respiratórios mais baratos, sem contar nas pesquisas na área de microbiologia. Mais do que nunca precisamos tornar nossas produções mais visíveis para que a população conheça esse trabalho.



7. Em relação ao ensino de língua inglesa, o que você apontaria como potencial e dificuldade em um contexto de escola pública?

Vou começar pelas dificuldades, como já apontei inicialmente, há vários problemas que precisam ser discutidos: 1) Carga horária reduzida para as aulas de inglês, com apenas duas horas aulas voltadas para o ensino de língua inglesa, pouco se pode fazer nesse horário; 2) Salas numerosas que não favorecem o aprendizado de uma língua estrangeira; 3) Além das salas numerosas, elas são extremamente heterogêneas, o que dificulta o nivelamento das turmas e o consequente ensino e aprendizagem da língua inglesa; 4) Outro ponto importante é o livro didático, o professor precisa entender que ele é apenas uma ferramenta e não uma bíblia, o professor precisa aprender a avaliar o livro, complementar, alterar, suprimir, alterar de acordo com o contexto e as necessidades de cada aluno. Em relação ao potencial, aprender uma nova língua é abrir as portas para um outro universo, é conhecer uma outra cultura, é redimensionar a sua própria cultura e a sua identidade. Conhecer uma nova língua é ampliar a sua visão de mundo e fazer o aluno perceber que ele faz parte de uma comunidade global muito mais ampla de que a sua própria comunidade, ajudando a perceber que ele pertence a um contexto social, cultural e histórico.

8. Você poderia discutir e compartilhar detalhes acerca dos testes diagnósticos aplicados pré e pós projeto? Como essa ferramenta beneficiou a atuação da equipe?

O questionário diagnóstico tinha como objetivo levantar o conhecimento de mundo do aluno, seu nível de língua inglesa e seus hábitos de leitura. Infelizmente, detectamos que os alunos não tinham muito o hábito da leitura. É claro, que compreendemos as razões, a internet, o vídeo game, a televisão, são muitos os estímulos que os afastam da leitura. Contudo, estavam todos interessados quando começamos com a leitura. Inicialmente, percebemos que o nível do aluno, tanto do ensino fundamental, quanto do EJA era muito baixo, então precisaríamos partir do nível básico. Isso nos levou a tomar certas decisões em relação às atividades propostas, teríamos que contar com a tradução do conto, trabalhando sempre com a versão em inglês e com a versão em português. Outra informação importante no questionário diagnóstico era sobre as preferências do aluno, o que nos permitia conhecer um pouco melhor esse aluno e estabelecer um vínculo afetivo para a realização do projeto.

Muitas vezes o aluno tem dificuldade em falar sobre si mesmo, demonstrando a impossibilidade de desenvolver a sua própria voz dentro da escola. Sendo esse o papel principal da escola, o desenvolvimento integral desse aluno, conhecer-se e conhecer o mundo que o cerca, para a partir disso operar alguma transformação dessa realidade. Durante as atividades, a professora estava trabalhando com os verbos no presente contínuo, o que foi muito útil para descrever as ações nas imagens usadas por nós para ativar o conhecimento de mundo dos alunos. Foi muito importante usar as imagens projetadas nos slides para que os alunos pudessem construir a narrativa em suas mentes antes de compartilharmos a história. Já o questionário pós-projeto pretendia saber o que o aluno havia aprendido, se o projeto havia de algum modo contribuído para estimular os hábitos de leitura. Esse passo era basicamente uma avaliação do projeto, para verificar se o aluno havia de fato aprendido com essa experiência. Essas ferramentas nos ajudaram a delinear as atividades realizadas durante o projeto e avaliar nossas ações, afim de guiar nossos próximos passos.

9. O que você aponta como a principal contribuição da obra de Virginia Woolf para os estudantes da escola Djalma Teles Galdino?

Acho que a principal contribuição da obra de Virginia Woolf para os alunos foi estabelecer um diálogo entre a literatura e a dura realidade daqueles estudantes. Nosso papel foi levá-los a refletir sobre a realidade que os cerca, para que a partir dessa reflexão pudessem problematizá-la para depois promover alguma transformação. Sugerimos a

eles que escrevessem um texto sobre como eles transformariam suas vidas se eles tivessem essa possibilidade. Essa reflexão foi fundamental para levá-los a assumir uma postura mais crítica e mais cidadã.

Lembrando que o nosso questionamento inicial era: o texto woolfiano pode ser efetivo no ensino e aprendizagem da língua inglesa? Podemos responder que sim, de fato, ensinar Virginia Woolf pode ser um grande instrumento para a aprendizagem da língua inglesa, mas pode ser muito mais do que isso e ir além do ensino de língua inglesa. Pode ajudar ao aluno a compreender a si e a realidade que o cerca, levando-o a compreender que a educação pode ser libertadora, quando lutamos por uma sociedade mais democrática, mais igualitária, mais justa, mais criativa e mais humana.

Inicialmente, o objetivo era investigar como a escrita de Virginia Woolf poderia impactar os alunos da escola pública, mas no final, nós acabamos aprendendo com eles, de suas realidades duras, e sobre nós mesmos. Os contos de Virginia Woolf nos ensinam a como observar, a como ver e perceber a realidade ao nosso redor. Eles nos levam a pensar sobre diferentes perspectivas, diferentes modos e possibilidades de transformarmos nossas realidades, usando nossa imaginação para superar os desafios que se colocam a nossa frente. Após essa experiência, aprendemos com Woolf e com os alunos como vivenciamos e percebemos a realidade em diferentes modos, mas sobretudo, que podemos trabalhar juntos para transformar essa realidade. Enquanto professora universitária, lidamos com um público bastante diverso, constantemente precisamos adaptar nossa prática e refletir sobre nossa atuação na sala de aula. Trabalhar nesse projeto foi lidar com um público muito mais diferenciado, sabendo que o fato de estar na sala de aula representa um grande desafio para cada um deles. Eu sabia que somente por meio da conexão entre os alunos e os pensamentos de Woolf, que o ensino tornaria possível e significativo. O processo de ensino e aprendizados só foi bem-sucedido, quando essa conexão foi possível.

A pedagogia de Paulo Freire foi extremamente importante no desenvolvimento desse trabalho, pois nos ajudou a pensar em nossa prática, procurando aliar a teoria à nossa atuação, evitando uma educação bancária que trata o aluno como uma tábula rasa, mas construindo junto com ele uma experiência significativa, conhecendo seu mundo, desvendando sua realidade para propor uma alteração. Woolf em 1938 escreveu *Three Guineas* pensando uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais democrática, em nome do pacifismo e tentando evitar a guerra. Em 1968, Paulo Freire dedica seu livro *A Pedagogia do Oprimido* aos esfarrapados do mundo. Em plena ditadura militar, Freire foi exilado no Chile e viajou o mundo desenvolvendo sua pedagogia e lutando contra a opressão. Ensinar Woolf sob a ótica de Paulo Freire foi aprender a construir uma educação libertária, promovendo não apenas o senso estético, mas também o senso

político e ideológico. Nesse processo aprendemos muito com os alunos, aprendemos com a narrativa woolfiana e aprendemos ainda mais com a pedagogia freiriana, ao ensinarmos nos educamos e o fazemos em comunidade na esperança de um mundo melhor.

* As fotos aqui exibidas foram cedidas pela Profa. Maria Aparecida Oliveira e por seu orientando Alberto Siqueira da Rocha Junior.